

**VÉRITAS MOUSEION - DICIONÁRIO ELETRÔNICO TERMINOLÓGICO:  
FERRAMENTA DE FORMAÇÃO DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS DA  
MUSEOLOGIA**

**VÉRITAS MOUSEION - ELECTRONIC DICTIONARY TERMINOLOGY: TRAINING  
TOOL OF SPECIFIC KNOWLEDGE OF MUSEOLOGY**

Irla Suellen da Costa Rocha; Romário Rodrigues Portugal<sup>2</sup>; Sedy Santos Matos<sup>3</sup>; Janaina Cardoso de Mello<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português da Universidade Federal de Sergipe – UFS – São Cristóvão/SE – Brasil.  
Bolsista PIBITI-CNPq (2011-2012)

[irlasuellen@gmail.com](mailto:irlasuellen@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Museologia na Universidade Federal de Sergipe – UFS – São Cristóvão/SE – Brasil.  
Bolsista PIBITI-UFS (2011-2012)

[romariohom@yahoo.com.br](mailto:romariohom@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Graduando em Museologia na Universidade Federal de Sergipe – UFS – São Cristóvão/SE – Brasil.  
Bolsista PIBITI-FAPITEC-SE (2011-2012)

[sedy2529@hotmail.com](mailto:sedy2529@hotmail.com)

<sup>4</sup> Docente do Núcleo de Museologia e do PROARQ-Mestrado em Arqueologia da UFS, Doutora em História Social (UFRJ) e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS).

[janainamello@uol.com.br](mailto:janainamello@uol.com.br)

**Resumo**

*O presente artigo tem por objetivo apresentar o projeto “Véritas Mouseion – Dicionário Eletrônico de Termos Museológicos”, como também esclarecer as técnicas que serão utilizadas para o seu desenvolvimento. Nesta proposta de inovação tecnológica os dados em forma de tesouros serão utilizados no Dicionário Eletrônico de termos museológicos em língua portuguesa, ferramenta básica para o processamento automático de textos. A pesquisa de anterioridade verificou a inexistência de produto similar no Brasil e em Portugal. Frente a necessidade de armazenar, organizar e compreender informações na contemporaneidade, busca-se a criação de verbetes a partir do vocabulário já inicialmente catalogado no projeto “Mnemosine Digital – Banco de Dados sobre Museologia e Patrimônio” (2010-2011), realizado anteriormente pelo Grupo Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/CNPq). Durante o texto são debatidos temas concernentes a formação teórica do*

*dicionário como: Linguagem, Terminologia e aspectos sobre Museografia que fazem parte das representações culturais e lingüísticas da área.*

**Palavras – chave:** Dicionário, Museologia e Terminología

### **Abstract**

*This article aims to present the project “Véritas Mouseion – electronic dictionary of Museum Terms”, as well as clarify the techniques that will be used for their development. This proposal for a technological innovation data in form of thesaurus will be used in electronic dictionary of Portuguese terms, basic tool for the automatic processing of texts. The search for anticipations noted the absence of that product in Brazil and in Portugal. Forward the need to store, organize and understand information in contemporary, seeks the creation of words from the vocabulary already initially catalogued in project “Mnemosyne Digital – database on Museology and world heritage” (2010-2011), previously held by the Group Studies and Research in Memory and Heritage Sergipano (GEMPS/CNPq). During the text are discussed issues concerning the theoretical training as dictionary: language, terminology and aspects about museography forming part of the linguistic and cultural representations from area.*

**Keywords:** Dictionary, Museology and Terminology.

## **1. Introdução**

Até dez anos atrás encontrar alguém carregando seu *notebook* como um aparelho celular era um comportamento comum de profissionais da informática e áreas afins, hoje com os crescentes avanços tecnológicos, com a facilidade de adquirir aparelhos cada vez mais modernos, uma inclusão digital intensa nas mais diferentes camadas sociais provoca um aumento na demanda de atendimento das necessidades dos usuários antigos, e a criação de ferramentas que provocam o desejo de posse nos novos usuários.

À todo instante *notebooks* vêm sendo trocados por *tablets* e telefones celulares com as mais diversas funções. A sociedade atual é conectada, vive o real, transpõe para o virtual, compartilha, troca, traz para perto o que está a quilômetros de distância, tira dúvidas através de sistemas tão velozes que nem dá tempo para pensar “onde deixou aquele livro?”, ou como podemos (ou não) responder a determinados questionamentos.

No contexto de uma sociedade cada vez mais conectada se faz necessário criar ambientes e produtos que permitam aos usuários a troca e obtenção de informações de uma forma mais precisa e organizada. A proposta do “Véritas Mouseion – Dicionário Eletrônico de Termos Museológicos” objetiva atender a lacuna de material referencial na área da Museologia através do desenvolvimento de um dicionário eletrônico terminológico colaborativo bilingüe (Port./Ing.). A Museologia utiliza termos que quanto levantados, catalogados, definidos e organizados tornam-se instrumentos imprescindíveis no cotidiano de estudos e trabalhos de instituições educacionais, museais e culturais. Considerando-se ainda o conceito de tecnologia como:

todo meio ou instrumento cognitivo que, de maneira direta ou indireta, contribui para que corram mudanças de ordem material e, também, é ela própria sempre conhecimento, é resultado do pensamento, o qual retroage sobre si, provocando mudanças em si, através da manipulação dos próprios artefatos tecnológicos produzidos (MALDONADO *apud* FRANCISCO, 2010, p. 02)

O presente artigo se propõe a abordar como a construção de conhecimentos específicos da Museologia, através da elaboração de verbetes para um dicionário eletrônico, coloca-se enquanto uma pesquisa de inovação tecnológica ao se utilizar de conteúdos interdisciplinares e informatizados. A união de conteúdos da tecnologia da informação, cibercultura, informação digital, técnicas de produção de conhecimentos da ciência da informação, lingüística, terminologia atuam na elaboração de informações tão específicas como as que pertencem a Museologia. Tais estas características mostram o quanto o projeto *Véritas Mouseion* atende a premissa básica enquanto produto de inovação tecnológica: criativo, com acúmulo de diversos conhecimentos do homem, da cultura e da sociedade, e que serão futuramente aplicados nos mais diferentes ambientes, atingindo um grande grupo de profissionais que interagem nesses locais.

## **2. Linguagem e Ambiente Digital**

Na elaboração dos verbetes do *Véritas Mouseion* os pontos linguagem, memória e informação digital se interceptam, e então encontramos a função social do dicionário como produto de inovação tecnológica. O simples fato de ser eletrônico não faz do produto algo “tecnológico”. Porém, por estar num contexto em que a tecnologia é um dos componentes que caracteriza uma sociedade digital, com indivíduos cada vez mais correlacionados a aparelhos e ferramentas tecnológicas, que o dicionário apresenta-se como um instrumento de conhecimento apto às novas tendências tecnológicas. Machado (2003, p.44) revela que uma pesquisa modelo deve atender as necessidades de uma sociedade em permanente processo de transformação, que tem o conhecimento científico como um componente estrutural, primando pela a criação de um complexo de inovação, e servindo de laboratório para a geração da tecnologia.

Dentro dessa proposição recorreremos ao conceito de língua proposto por Marcuschi (*apud* XAVIER; CORTEZ, 2003, p.132) como a atividade sócio-interativa sempre voltada para alguma finalidade e secundariamente serve para transmitir informações e representar o mundo, por que tanto as informações transmitidas quanto o mundo representado são sobretudo produtos ou frutos de um processo interativo em que a língua atua. A linguagem dentro dessa perspectiva vem a ser a faculdade humana em que a língua atua, sendo assim a representação da informação é o canal

utilizado para que o objeto revele o seu conteúdo por meio das relações entre signo, significante e significado, ou seja, as analogias entre a palavra, a fonologia do som e o conceito.

Para a elaboração dos significados, que a Organização e Representação da Informação chama de conceitos, a pesquisadora Ingetraut Dahlberg (*apud* SOARES, 2011, p. 102) explica que os elementos devem estar articulados numa unidade estruturada. Logo, para que os significados sejam elaborados é necessário uma relação entre o objeto, no caso, a palavra, e o seu significado. Esta relação pode ser o tempo e espaço, características específicas e inconfundíveis, ou características comuns, existindo relações lógicas, hierárquicas e de oposição.

O homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos. Como as palavras permanecem através do tempo entesouradas por uma cultura e transmitidas de geração a geração[...] Nesse ponto é preciso distinguir o processo individual de formação de conceitos por parte de um sujeito, do acervo de conceitos transmitidos materialmente através das gerações por meio do vocabulário herdado e transmitido, sobretudo nas sociedades dotadas de uma tradição escrita. Na dimensão individual, o léxico é conceptualizado como um conjunto de representações, isto é, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve. Essa dualidade entre o individual e o social tem que ser bem entendida para evitar ambigüidades. (BIDERMAN, 1998, p.90)

O ciberespaço configura-se como o espaço em que a língua acontece no *Véritas Mouseion*, lugar este definido como:

o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos ([...]), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas a digitalização.” (LÉVY, 2003, p. 92).

Assim é possível compreender o ciberespaço como um espaço em que a informação passa por constantes processos de atualização de modo não arbitrário, por meio de uma inteligência coletiva que funciona enquanto organismo vivo, em que toda e qualquer pessoa pode contribuir para a formação do todo. “Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade. Não existe nenhum reservatório de conhecimento transcendente, e o saber não é nada além do que as pessoas sabem” (LÉVY, 2000, p.29).

## **2.1.Relações entre Linguagem, Memória, Conceito, Espaços de Significação e Ciberespaço**

No processo de aquisição e desenvolvimento dos conceitos das palavras em ambiente digital, a memória funciona como o local em que estão registrados os conceitos, as visões de mundo, valores, identidades e ideologias da sociedade. A conceituação das palavras resulta da

dinâmica pelo qual o homem passa durante a vida. “As palavras rotulam os processos cognitivos mediante os quais o homem interage cognitivamente com seu meio ambiente” (*apud* BIDERMAN, 1998; LENNEBERG, 1975, p. 374).

A relação memória e a linguagem é caracterizada pela função social que estas apresentam através do caráter comunicativo que há entre elas (LE GOFF, 2003, p.421). Trata-se da comunicação de uma informação anterior, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. Essa ligação entre linguagem e memória mostra como os conceitos são formados, e a ciência da Informação apresenta um campo de estudo fundamental no qual os

Espaços de significação são ambientes onde grupos específicos de indivíduos se comunicam entre si e produzem novas formas de cultura e conceitos. Os indivíduos estabelecem uma linguagem que possibilite a troca de informações, consolidando, assim, uma forma específica de comunicar. (SOARES, *et al.*, 2011, p.4)

O ambiente digital requer recursos próprios e que sejam facilmente incorporados ao cotidiano dos usuários. O conhecimento dos espaços de significação possibilita a visualização de como devem ser elaborados os verbetes que compõem o *Véritas Mouseion*. O processo de conceituação dos termos museológicos relaciona a linguagem dos usuários com os dados conceituais que diferentes profissionais da Museologia usam para relacionar o termo e seus significados. É neste ponto que faz-se referência à memória que os profissionais das instituições museais empregam como significado propagado e elaborado através da vivência. Faz-se uso da Linguística de *Corpus* que se caracteriza pelo estudo e extração de dados lingüísticos textuais em um acervo de textos ou *corpus* produzidos por futuros usuários. Na proposta de inovação tecnológica os dados serão utilizados no dicionário eletrônico de termos museológicos bilingüe, ferramenta básica para o processamento automático de textos, adaptados para serem processados num ambiente digital. Neste contexto é possível propor mais um objeto de relação: o museu digital, que une no espaço virtual propostas colaborativas, de aprendizagem, com informações interligadas, bem como pela imaterialidade inerente à imagem digital.

A construção do *corpus* terminológico será realizada através da seleção/extração de um vocabulário museológico integrante das áreas do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia da UFS<sup>1</sup>, definido pelo diagrama abaixo:

---

<sup>1</sup> O PP do bacharelado em Museologia da UFS, foi elaborado entre 2010 e 2011 com base no Referencial da Rede de Professores de Museologia e comparação dos projetos pedagógicos e fluxogramas das graduações em Museologia no país, norteando-se pelos projetos da UniRio e na UFBA, os mais antigos formadores de museólogos no Brasil, sendo aprovado pelo CONEPE-UFS em 2011 para implantação pelo DAA-UFS em 2012-1.



Essa estrutura seguirá a metodologia de aplicação dos tesouros tendo como base a hierarquia de assuntos configurados em uma relação associativa e não de simples palavras isoladas, conceituadas em ordem alfabética. Desse modo, a ênfase do dicionário estará centrada em palavras cujo significado tenha um sentido integrador, de fácil reconhecimento e uso.

Pode-se compreender os tesouros como uma lista de termos associados semântica e logicamente, que permite perceber as mínimas diferenças entre as palavras, e que compreende apenas a um domínio específico do conhecimento humano. São, portanto, “inventários terminológicos organizados de acordo com sua temática e controlados formalmente” (CABRÉ

*apud* DIAS, 2000. p. 91). Criados com o propósito específico em cada área do conhecimento, os tesouros constituirão verbetes a partir da formação de:

repertórios ou listas de termos autorizados, constituídos por unidades — desertores e não desertores — pertencentes a um domínio particular do conhecimento, relacionadas semântica e logicamente. São utilizados para caracterizar tanto o conteúdo de um documento, quanto o conteúdo das questões propostas pelos usuários. Sua função é, por isso, a de servir como intermediária entre os documentos e os usuários (KOBASHI; LARA; TÁLAMO, 1992. p. 199).

Será considerada ainda a frequência de uso dos termos, a ordem alfabética dentro dos parâmetros de associação, a atualização ortográfica, a inclusão de siglas e abreviaturas, os homônimos, os subverbetes, os estrangeirismos e os regionalismos.

### **3. Museografia**

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.<sup>2</sup>

As pesquisas de anterioridade constataram a inexistência de um suporte esclarecedor contendo termos Museológicos para auxiliar no cotidiano profissional das instituições museais. Assim, o primeiro eixo de seleção de palavras do dicionário eletrônico, a Museografia, aborda sobretudo, as técnicas de exposição de objetos, ambientação e climatização a fim de que o visitante dos museus tenha a “sensação” de estar mais próximo da proposta da exposição.

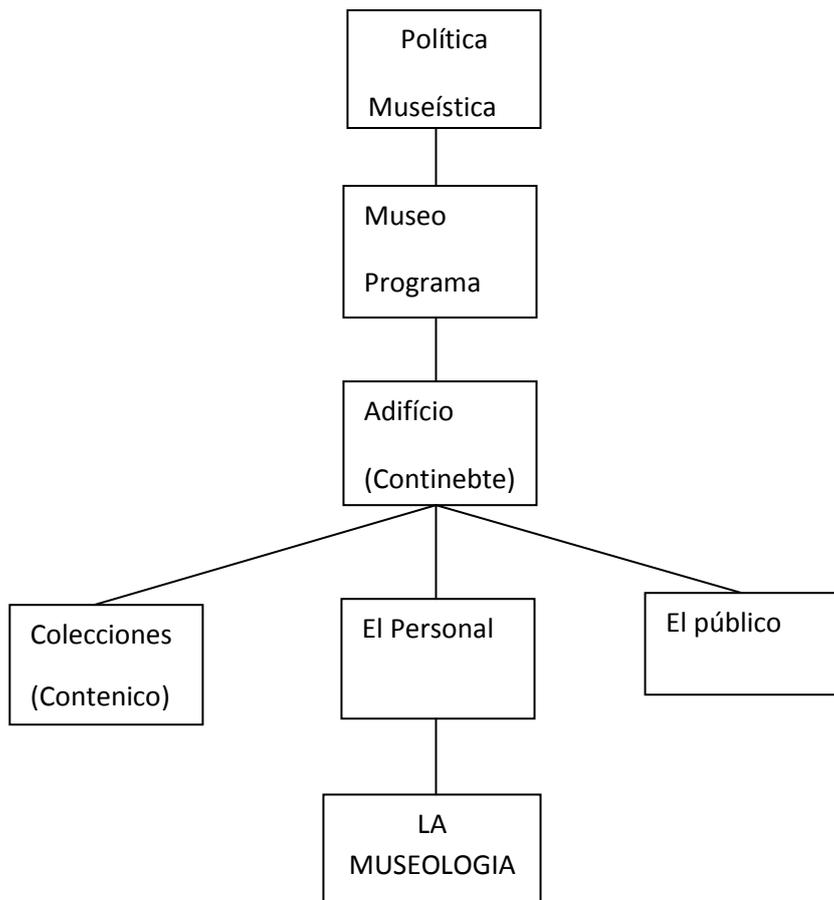
A Museografia difere da cenografia numa abordagem fundamental: a mensagem. O papel sócio-educativo de uma exposição não se reduz à apresentação de um aspecto ou objeto, mas tem como foco a noção da responsabilidade da mensagem cultural que pretende atingir o público-alvo, que é o visitante. Segundo Francisca Hernández (1971), os estudos do aspecto técnico da Museografia, ou seja: “a instalação das colecções, arquitectura climatologia, do edifício administrativo, e assim por diante é uma atividade essencialmente técnica e prática”.

Uma infra-estrutura museológica poderia ser definida como:

---

<sup>2</sup> Definição do ICOM, de 1974, disponível em: < <http://omuseuaberto.blogspot.com/2008/08/definio-de-museu-do-icom.html>> Acesso em: 30 ago. 2011

**Figura 1:** Elementos Construtivos de um Museu.



**Fonte:** HERNADÉS, F. **Manual de Museología**. Madri: Editorial Síntesis, 2001

O Museólogo Carlos Martins (2011), em entrevista concedida a Revista Museu, em 2004, abordando a evolução da Museografia no Século XX no Brasil, diz:

Eu acho que os museus, em geral, deram um passo muito grande dentro de sua história, da década de 90 para cá. Após ter atuado nos anos 80 no Museu de Belas Artes e no Paço Imperial, anos preparatórios para o que estava por vir, eu fui chamado para dirigir os Museus Castro Maya. Nessa época, o que se percebeu foi a necessidade de se imprimir uma dinâmica nos museus, deixando de lado a idéia de museus enciclopédicos, que armazenavam obras de arte, como o intuito de torná-los mais acessíveis ao público. As exposições de longa duração permitiram uma troca entre obras do acervo em exposição permanente e as de Reserva Técnica, levando a uma maior dinâmica e atraindo uma maior visitação ao museu. Havia espaço para realização de um trabalho de pesquisa interna e de trazer a público obras que há muitos anos se encontravam em Reserva Técnica e não eram expostas.

À exemplo do que será feito em várias instituições, a pesquisa do Museu Afro Brasileiro de Sergipe, localizado no município de Laranjeiras, revela em sua exposição objetos usados pela

comunidade negra e seus senhores portugueses durante a escravidão. Os objetos são compostos por: instrumentos de trabalho e tortura, cadeiras, utensílios domésticos, dispostos em salas que expõem dados sobre os cultos afro-brasileiros, vida familiar, economia canavieira, dentre outros. A catalogação, definição, escaneamento e modelagem 3D desses objetos comporá um patrimônio digital importante para a aquisição de conhecimentos por alunos de diversos níveis de ensino, além de contribuir para a divulgação do acervo e da instituição. Assim, o uso das tecnologias da informação e da comunicação servirão na “decodificação, manipulação e reprogramação dos códigos de informação da matéria viva, tendo em vista a informação gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida” (FRANCISCO, 2010, p. 05)

O museu é um local de aprendizado, onde através da dinâmica e interação adquirem-se conhecimentos de forma prazerosa. Contudo a Museografia é um processo em contínua ressignificação e, portanto, necessita de que os profissionais que nos museus trabalham possuam um domínio de termos próprios da Museologia e especificamente da Museografia.

#### **4. Conservação Preventiva e Terminologia**

A conservação preventiva é um dos princípios fundamentais das instituições museais. Ela é efetivada a partir de cuidados especiais por parte daqueles que, no trabalho diário, lidam diretamente com o acervo, e também pode ser compreendida como,

o conjunto de medidas de carácter operacional — intervenções técnicas e científica, periódicas ou permanentes — que visão a conter a deterioração em seu início, e que em geral se fazem necessárias com relação às partes da edificação que carecem de renovação periódica, para serem mais vulneráveis aos agentes deletérios. (DRUMOND, 2006, p. 108).

Nos museus os agentes que contribuem para a degradação material do acervo estão por todas as partes, sendo encontrados na poluição, em insetos (como traças, cupins, formigas), em climatizações inadequadas que humidificam ou auxiliam a propagação de fungos nas peças, na maresia que oxida os objetos em metal, na iluminação com a descoloração ou queima dos bens culturais. Por isso é imprescindível:

assegurar a preservação de uma colecção ou de um objecto em particular, aumentando a sua esperança de vida. Tal é possível através de uma intervenção não directa sobre o bem ou conjunto de bens culturais, conseguindo diminuir ou eliminar os factores responsáveis pela sua degradação e que colocam em risco a sua estabilidade física, química, formal e estética (MOREIRA, 2011).

Dito isto, vários termos como: termohigrometria, *data loggers*, base polimérica, polietileno de baixa e alta densidade, entre outros, permeiam o trabalho dos profissionais de museus e por isso necessitam ser compreendidos para utilização eficaz na salvaguarda dos acervos.

A palavra “termo” ao definir um código lingüístico que veicula o significado das coisas e a referência a uma ciência específica permite a construção de um léxico aplicado ao exercício profissional.

Para compreender melhor como será feito o trabalho de elaboração dos conceitos dos termos museológicos faz necessário saber como a terminologia se adequa a este fase de produção do dicionário. No trabalho de Claudia Augusto Dias intitulado; *Terminologia: conceitos e aplicações*, ela destaca a terminologia como,

um conjunto de premissas, argumentos e conclusões necessário para explicar o relacionamento entre conceitos e termos especializados; como prática, é um conjunto de métodos e atividades voltado para coleta, descrição, processamento e apresentação de termos; como produto, é um conjunto de termos, ou vocabulários de uma determinada especialidade (SAGER *apud* DIAS, 2000. p. 90).

À partir desse conceito de terminologia o trabalho será desenvolvido, buscando significados possíveis referentes ao sistema de conservação, criando um *corpus* com os termos de maior significância no âmbito da Museologia. Isso possibilitará a atualização continuada dos conceitos por alunos e profissionais da área da Museologia, Arqueologia, Arquitetura, História dentre outras. Nesse sentido o *Véritas Mouseion* proporcionará aos usuários uma apreciação mais precisa e detalhada acerca dos termos referentes ao contexto museal encontrados em diversos textos ou documentos acessados, pois “sem a terminologia, os autores não conseguiriam se comunicar, repassar seus conhecimentos, nem tampouco representar esse conhecimento de forma organizada” (DIAS, 2000. p. 91).

Através da elaboração dos verbetes dos termos museológicos coletados através de entrevistas colaborativas com profissionais da área da Museologia, a terminologia será adequada à uma padronização. E tratando-se também da catalogação dos acervos, leva-se em consideração que: “na área da documentação a terminologia é essencial para representar o conteúdo dos documentos e para facilitar o acesso a esse conteúdo” (DIAS, 2000. p. 91).

## Conclusão

Através dos conceitos apresentados que relacionam a linguagem, técnicas da ciência da informação e as especificidades da Museologia é possível perceber como as características interdisciplinares contribuem positivamente para o desenvolvimento de um produto tecnológico de qualidade, amparando cientificamente o conhecimento que será promovido. Os cuidados para a elaboração de conceitos que serão subsídios para a formação e produção de informação consistem no ponto de partida para sua redação, pois a realidade de cada usuário é que irá determinar a praticidade do dicionário eletrônico. O dicionário eletrônico *Véritas Mouseion* viabilizará a comunidade acadêmica e profissional um produto desenvolvido num sistema de hipertexto em ambiente computacional que trará a informação de maneira organizada, disponibilizando ao usuário uma interface com verbetes textuais, audio-visuais, bilingües.

## Referências Bibliográficas:

- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. In: **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.
- FRANCISCO, D. J. **Novas Tecnologias na Informática: como podemos utilizar tais recursos na formação acadêmica.** [slides] disponível em: <http://www.cintec-ufs.net/simtec-opi/2010/page.php?idpage=6> . Acesso em: 28 out. 2011.
- DIAS, C. A. Terminologia conceitos e aplicações In: **Ci. Inf., Brasília**, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000.
- DRUMOND, M. C. P. Prevenção e Conservação em Museus. In: **Caderno de diretrizes museológicas I**. Belo Horizonte: 2º Edição, 2006. (p. 107 – 133).
- HERNANDÉS, F. **Manual de Museología**. Madrid: Editora Síntesis, 2001.
- KOBASHI, N. Y.; LARA, M. L.; TÁLAMO, M. de F. G. Moreira. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros In: **Ci. Inf., Brasília**, 21(3): 197-200, set./dez. 1992.
- LENNEBERG, E. H.; LENNEBERG, E. (Eds.). **Foundations of language Development: A Multidisciplinary Approach**. New York and Paris: Academic Press and Unesco Press, 1975.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Distribuidora Loyola de Livros, 2000.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa, 2ª edição. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- MACHADO, E. **O ciberespaço como fonte para jornalistas**. Salvador, Calandra, 2003.

MARTINS, C. Entrevista (2004) **Revista Museu**. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=3952> > Acesso em: 30 ago. 2011

MOREIRA, N. Conservação Preventiva - Algumas bases para a sua generalização nos Museus em Portugal. **Revista Museu**. disponível em:[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=1118](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1118)> Acesso: em 28 out.2011.

SOARES, M. S. B., et al. Espaços de significação e a representação da informação. In: **Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação**, 15., São Luís, 2011.

XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (org). **Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da Linguística**. São Paulo: Parábola editora, 2003. p. 132-138.

Definição do ICOM, de 1974, disponível em: <<http://omuseuaberto.blogspot.com/2008/08/definio-de-museu-do-icom.html>>, Acesso em: 30 ago. 2011